



O ditado sábio de que não se pode julgar um livro pela capa não se aplica sempre no mundo dos discos. Antes da pop ter transformado a música em produto, o jazz soube encarar o design das capas como arte. Joaquim Paulo, um coleccionador português, pegou nessa ideia e fez um livro para a Taschen. Com 500 páginas...

Texto de Rui Miguel Abreu



41

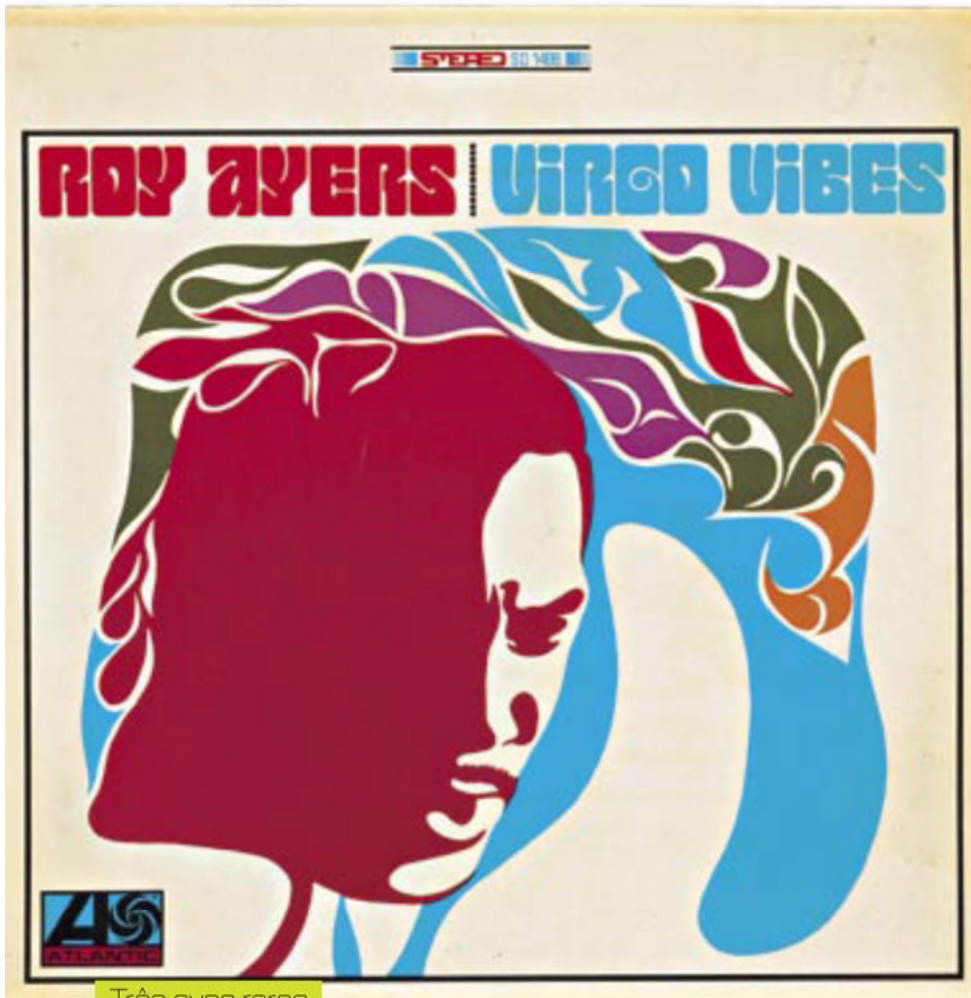
Com os Beatles, a indústria da música percebeu que podia reforçar a sua ligação ao nascente mercado adolescente com os álbuns, formato que até aí era quase exclusivamente consumido por adultos.

Só nesse momento é que a pop começou verdadeiramente a entender as capas como uma tela em branco para construir mitos, expor conceitos e mensagens, conquistar o público. Mas quando isso aconteceu, já o jazz levava mais de uma década de avanço sobre a pop, explorando ao máximo as potencialidades que os 33 centímetros de

capa ofereciam ao designer. Essa arte está agora exposta permanentemente no livro *Jazz Covers*, da autoria de Joaquim Paulo, cuja preparação a BLITZ noticiou em primeira-mão há mais de dois anos.

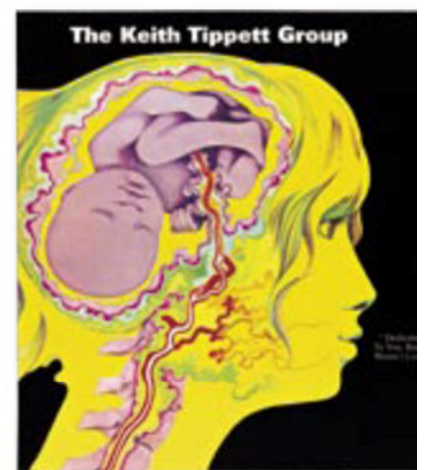
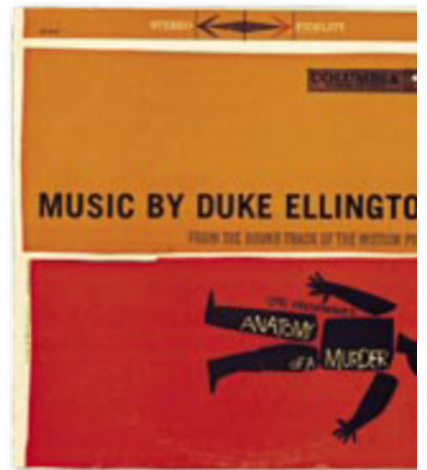
Homem ligado à rádio no passado e à edição no presente (ver caixa), Joaquim Paulo é igualmente um coleccionador de discos reputado internacionalmente, facto que lhe confere toda a autoridade para dirigir a messiânica tarefa de compilar em 500 páginas uma espécie de história gráfica e visual do jazz.

Por estar muitas vezes libertado de carga poética e narrativa, o jazz foi sempre espaço de pura invenção visual. Joaquim Paulo ►

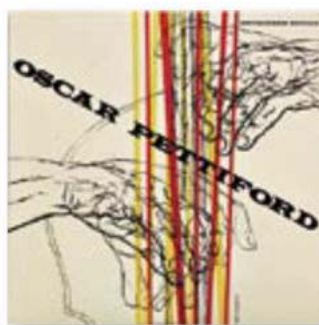


Três aves raras

EM 1967, o desenhador Dick Luppi criou esta capa, psicadélica e feminina, para o álbum *Virgo Vibes*, de Roy Ayers. Em cima, a banda sonora de *Anatomy of a Murder* (1959), um dos primeiros filmes musicados com jazz. A capa é do também cineasta Saul Bass. Em baixo, uma criação de 1971 dos irmãos Martyn e Roger Dean, este último o autor do logo da Virgin.



re refere que a idade dourada do design se pode identificar claramente: «Acho que a “golden age” do design vai de 1950 a 1970. Sim, desde o início dos anos 50. Foi esse o grande período de criadores como os ilustradores David Stone Martin e Jim Flora, designers como Frank Gauna, Burt Goldblatt, Reid Miles e fotógrafos geniais como William Claxton, Charles Stewart e Francis Wolf. Foi um momento único na história do jazz», assegura Joaquim Paulo. «Acho que o jazz fez a transição do formato 78 rpm para o 10” e de seguida para o LP sempre em posição de vantagem», prossegue. «Desde cedo figuras como Alfred Lion ou Bob Weinstock perceberam que uma boa capa era fundamental como veículo transmissor de um “estilo”. As transformações galopantes que o jazz sofreu em termos sonoros foram acompanhadas por um refinamento na beleza e eficácia da capa. A editora Blue Note é o paradigma da conjugação perfeita entre a música, a fotografia e o design. Tudo fazia parte de uma linguagem comum. O jazz também abriu portas para uma maior liberdade para o designer. Pioneiros como



Homónimo de Oscar Pettiford. Capa de Burt Goldblatt (1954).

David Stone Martin, um mestre da ilustração, ou Jim Flora ajudaram desde muito cedo a “embrulhar” o jazz.»

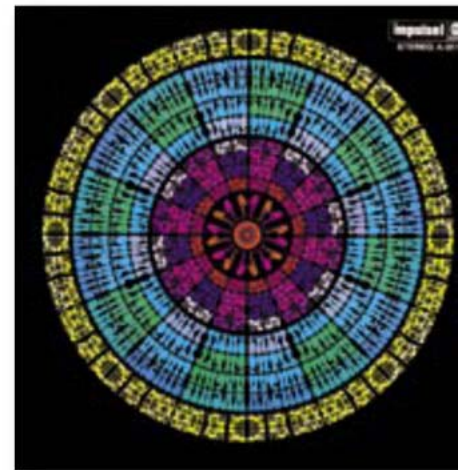
Foi à beira da segunda guerra mundial, quando a imprensa e o cinema já muito contribuíam para a imposição de uma cultura popular visual, que as capas começaram a ser pensadas para os discos: «O design de discos começou em 1939 com o visionário Alex Steinweiss, que propôs à editora Columbia fazer uma mudança na apresentação e no empacotamento dos discos de 78 rpm e a

“Já comprei discos em situações inacreditáveis. A mais marcante foi em plena guerra jugoslava”, Joaquim Paulo

começar a usar arte-final original nas capas. Esta nova abordagem mudou para sempre a indústria discográfica. Editoras de jazz como a Blue Note ou a Bethlehem foram de facto pioneiras na utilização plena da capa do disco e numa nova abordagem em termos de marketing. Fotógrafos, ilustradores e designers eram recrutados para a criação de capas que chamassem a atenção do ouvinte. A ideia de mercado já vem de muito longe.

CONSTRUIR UMA COLEÇÃO

Alcançar a profundidade da coleção de Joaquim Paulo também não deve ser tarefa



O sol e o jazz

UMA FOTOGRAFIA de Sarah Vaughan foi o ponto de partida para a capa de *The Explosive Side...*, de 1963. O seu autor, Emmett McBain, teve uma auspiciosa carreira na publicidade. Acima, o LP *The Way Ahead* (1968), da autoria de mais de uma dupla: Robert e Barbara Flynn. Abaixo, um dos discos favoritos de Brian Wilson, *Four Freshmen and 5 Trombones* (1956).

fácil, sobretudo tendo em conta que muitos dos discos incluídos em Jazz Covers nunca devem ter chegado em grandes quantidades a Portugal. Joaquim adianta-nos alguns dos seus segredos: «Adoro fazer "diggin'". Isso também é possível em Portugal. Em Lisboa há algumas lojas - especialmente a Discoleção - e também é possível vaguear por algumas feiras de antiguidades e de quando em vez em algumas colecções particulares. Sendo do Porto, aconselho as lojas Retroparadise e a loja do meu amigo Chico Ferrão, no edifício

Artes em Partes». Mas como é óbvio, é preciso também olhar para fora. «Viajo muito», explica o autor. «Qualquer destino é bom para comprar discos. Descubro sempre lojas, seja por indicação da minha rede de amigos, seja por mera pesquisa. Já comprei discos em situações inacreditáveis. A mais marcante, não pelo que comprei, mas sim pela situação, foi em plena guerra jugoslava. Em Zagreb

descobri uma loja de vinil e esse foi um momento de alguma paz numa situação tão dramática».

«Viajo muitas vezes propositadamente para comprar discos. Destinos de eleição: São Paulo e Nova Iorque. São Paulo com as suas centenas de "sebos" de discos é um dos melhores sítios para se comprar raridades de música brasileira, jazz e soul. E em Nova Iorque rumo sempre à Jazz Record Center que é um das lojas mais extraordinárias que conheço. Um museu do jazz com uma incrível selecção de memorabilia (postais, bilhetes, revistas, livros, etc) e uma selecção de discos raríssimos». Joaquim Paulo tem, aliás, uma história curiosíssima ligada à Jazz Record Center, recordação de uma época em que coleccionar discos estava associado a emoções fortes. «Sonhava há já alguns anos», recorda o homem de Jazz Covers, «com a ida à Jazz Record Center. Foi a primeira coisa que fiz quando cheguei à cidade. Entrei na loja, olhei para as bancadas de discos, para a imensidão de livros e objectos de memorabilia, de novo para os discos e tive de sair da loja. Fiquei num estado de ansiedade»

Mad About Records

JOAQUIM PAULO quer estender a sua paixão pela música das páginas de livros até à edição de discos. E por isso mesmo desvenda os seus planos nesse sentido: «A Mad About Records é uma editora muito recente. O nosso objectivo é reeditar a música de que gostamos e que não está disponível no mercado. Edições em vinil e em CD de discos raros de jazz, de música brasileira (bossa-nova e psicadelismo) e soul-funk. As nossas edições estarão disponíveis no mercado europeu, EUA e Japão. Estamos também a construir um site que será simultaneamente loja on-line para os nossos discos e um espaço de download de "outras" edições que não vão ter suporte físico».

Playboys, de Chet Baker & Art Pepper (1956). Capa de Chuck Hyman.



retrovizor

► Incontrolável. Fred Cohen, o dono da loja, deu-me água e tentou perceber porque estava tão mal disposto. Ele só me perguntava se estava a ter alguma paragem de digestão, se estava bem da pressão sanguínea, qualquer coisa. Ele estava muito incomodado com o meu estado pálido, num quase desmaio. Recordo que passado um tempo tive de sair da loja, vim para a rua apanhar ar, dei a volta ao quarteirão e estive talvez uma hora parado frente ao edifício onde fica a Jazz Record Center. Ganhei coragem e lá fui para a loja. Recordo-me que o Fred Cohen teve praticamente que me expulsar. Voltei no dia seguinte às 10h da manhã e saí apenas no fecho da loja. Vi todos os discos, velhas revistas Downbeat, livros, etc. Nunca tinha encontrado de forma concentrada discos tão extraordinários. E foi também o início de uma amizade com o Fred Cohen».

FAZER UM LIVRO

«Todo este processo», explica Joaquim Paulo, «durou cerca de três anos. Da ideia original à sua apresentação à Taschen foi um processo muito rápido. Mais rápida ainda foi a decisão final da Taschen. Em cerca de dois meses tinha tudo acordado com a editora e pronto a começar a trabalhar». Mas claro que nem tudo foram rosas. Houve obstáculos e complicações várias: «Conseguir o acordo do Rudy Van Gelder para uma entrevista foi uma dificuldade. Ele é muito tímido, deu muito poucas entrevistas ao longo da sua vida, e só com a ajuda e colaboração do Michael Cuscuna é que foi possível falar com o Rudy nos seus estúdios em Hackensak». Van Gelder é um dos mais importantes

engenheiros de som da história da música. Foi ele que a partir dos seus estúdios em New Jersey definiu o som de uma revolução tendo gravado muitas das maiores lendas do jazz, de Miles Davis e Thelonious Monk, a John Coltrane e Wayne Shorter.

«Foi uma experiência quase mística», explica Joaquim Paulo quando se refere ao encontro com Rudy Van Gelder. «À

medida que estava mais próximo do estúdio em Hackensak a probabilidade de ter um colapso nervoso era maior. Mas a ansiedade parou no momento em que ele me veio receber e senti a sua amabilidade. O “hello Joaquim” foi suficiente para me acalmar. Ia com a minha cabeça formatada com mil e uma perguntas e o que aconteceu foi que pura e simplesmente esqueci que

Incansável

PARECE FLEUMÁTICO mas Joaquim Paulo entrou «num estado de ansiedade incontrolável» quando entrou pela primeira vez no Jazz Record Center, em Nova Iorque. «Vi todos os discos, velhas revistas Downbeat, livros, etc». Hoje, é amigo do dono d



44

10 MELHORES CAPAS

ALBERT AYLER **Spirits**
DONALD BYRD **A New Perspective**
JOHN COLTRANE **A Love Supreme**
LOU DONALDSON **Mr. Shing-a-ling**
FREDDIE HUBBARD **Hub-tones**
RICHARD GROOVE HOLMES **A Bowl of Soul**
LEE MORGAN **The Rumproller**
OLIVER NELSON **Black, Brown and Beautiful**
SAUTER-FINEGAN ORCHESTRA **Inside**
STANLEY TURRENTINE **Cherry**



10 MELHORES DISCOS

JOHN COLTRANE **A Love Supreme**
MILES DAVIS **Birth of the Cool**
GEORGE DUKE **The Inner Source**
ENSEMBLE AL-SALAAM **The Sojourner**
BILL EVANS **From Left to Right**
GARY MCFARLAND / STEVE KUHN **"The October Suite"**
OLIVER NELSON **The Blues and the Abstract Truth**
BILLY PARKER'S FOURTH WORLD **Freedom of Speech**
DON RENDELL / IAN CARR **Dusk Fire**
RONNIE ROSS **Cleopatra's Needle**



10 MELHORES DESIGNERS

REID MILES
DAVID STONE MARTIN
BURT GOLDBLATT
BOB CIANO
HEINZ BÄHR
JIM FLORA
LEE FRIEDLANDER
DON SCHLITTEN
MARVIN ISRAEL
WOODY WOODWARD



estava ali para o entrevistar e conversámos longamente. Fiz uma anti-entrevista. Ele mostrou-me o estúdio que é de uma beleza quase religiosa. Todo em madeira com um tecto que poderia ser de uma catedral. A máquina de masterização. As cabines por onde passaram centenas de músicos lendários, o piano, os cabos enrolados de forma meticulosa. Nesta visita ao estúdio estava também Michael Cuscuna, que é uma espécie de filho que cuida do pai. Mais tarde ele dizia-me que ficou muito surpreendido por Rudy ter feito a entrevista junto à mesa de mistura. Um facto inédito».

Rudy Van Gelder é uma lenda viva, mas também é o produto de uma época em que a indústria da música, e sobretudo a do jazz, mantinha a ideia de linha de montagem muito bem oleada e raramente um engenheiro de som ou um músico interferiam com o lado do design: «Ele não tinha qualquer influência na embalagem dos discos», confirma Joaquim Paulo. «Aliás, pelas conversas que mantive com os produtores acho que nem os músicos tinham influência».

Agora que *Jazz Covers* está terminado, o que pensam alguns dos intervenientes nas páginas do livro do resultado final? «Gilles Peterson adorou o livro. Fez até passatempo no programa "Worldwide" na Radio 1. O King Britt foi de um entusiasmo incrível. Amir (da dupla Kon & Amir) tem ajudado a "promover" o livro através da sua rede de contactos. Ashley Khan gostou muito do resultado final e elogiou o trabalho de recolha de depoimentos. A reacção tem sido muito positiva. No "cruel" universo da

Vinil ou Mp3?

APESAR DE SER um coleccionador de edições originais em vinil, Joaquim Paulo entende muito bem as vantagens da era digital: «O iPod é o meu melhor amigo. Só assim consigo ouvir os meus LPs. Digitalizo-os e transfiro-os para o iPod. E é um gozo muito particular ouvir os cliques, pops e o "ruído" do vinil no objecto que transformou a indústria discográfica. Quando estou à frente do meu gira-discos a fim tiro o prazer máximo do LP que é o toque. Isso é insubstituível». Mas a fé de Joaquim Paulo nesse formato vai ainda mais longe: «Acredito que a vida do LP será muito longa. O mercado poderá ser residual, mas esse será um objecto que não vai desaparecer nos próximos anos. Acredito que o CD tem os dias contados. O mundo musical digital está prestes a tomar conta da indústria, mas faz parte da condição humana um lado quase fetichista, de posse. E aí entra o vinil».

blogosfera o livro foi muito bem recebido. E depois a reacção do mercado: esta semana o "Jazz Covers" era o segundo livro mais vendido dos novos lançamentos da Taschen», explica um justificadamente orgulhoso Joaquim Paulo.

E quanto ao futuro, os planos já estão muito bem desenhados na cabeça do incansável Joaquim Paulo, que não se quer ficar por aqui: «Ficaram centenas de discos fora desta primeira selecção. Essa foi a parte dolorosa. Deixar de fora tantas imagens de discos de que gosto muito», lamenta. «Neste momento estou a começar a pensar e a planear um próximo livro que será dedicado ao Soul/Funk». Cá o esperamos, com toda a certeza. 🎵



The Magic of Ju-Ju, de Archie Shepp (1967).
Capa de Robert e Barbara Flynn.



A Bowl of Soul, de Richard «Groove» Holmes (1966). Capa de Paul May.

45

10 MELHORES FOTÓGRAFOS

WILLIAM CLAXTON
FRANCIS WOLFF
PETE TURNER
DON BRONSTEIN
LEE FRIEDLANDER
CHARLES STEWART
BOB CATO
FRANK GAUNA
HERMAN LEONARD
JIM MARSHALL



10 MELHORES DISCOS JAZZ EUROPEU

JOHN DANKWORTH **The Zodiac Variations**
TUBBY HAYES **Return Visit**
KRZYSZTOF KOMEDA **Komeda Jazz Vol.1**
NOVI SINGERS **Rien Ne Va Plus**
SAHIB SHIHAB **Sahib Shihab and the Danish Radio Jazz Group**
DON RENDELL / IAN CARR QUINTET **Dusk Fire**
MARTIAL SOLAL Locomotion
NORMA WINSTONE **Edge of Time**
MICHAEL NAURA QUINTET **Call**
DAVE PIKE SET NOISY SILENCE **Gentle Noise**



10 DISCOS CANTORES

DOUG CARN **Spirit of the new land**
BLOSSOM DEARIE **Once upon a summertime**
ELLA FITZGERALD **Ella Swings Lightly**
HELEN MERRILL Helen Merrill
JOE MOONEY **Lush Life**
MARK MURPHY **Rah**
JACKIE PARIS **Skylark**
MEL TORMÉ **Musical Sounds are the Best Songs**
BOBBY TROUP **The Stars of Jazz**
SARAH VAUGHAN **The Explosive Side Of**

